

Revisar, hoje: o papel dos profissionais do texto e os novos desafios da cultura digital

Novas tecnologias na revisão de livros acadêmicos digitais¹

New technologies in the revision of digital academic books

Nuevas tecnologías en la revisión de libros académicos digitales

Antônio Ursine Magalhães de Andrade^I , Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto^{II} , Sérgio Antônio Silva^{III} , Amanda Rabelo Chaves^{III} 

^ICentro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

^{II}Universidade do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte, MG, Brasil

^{III}Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

O avanço das tecnologias digitais tem impactado significativamente o trabalho editorial, especialmente a revisão. Este artigo busca refletir sobre o uso da automação e das inteligências artificiais (IA) generativas na revisão e edição de livros, considerando a experiência da Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (Editora UEMG). Para isso, partimos, inicialmente, de uma análise do trabalho de revisores e editores em diferentes contextos, destacando as particularidades da edição acadêmica. Em seguida, discutimos as potencialidades e desafios da aplicação dessas tecnologias no cotidiano da Editora UEMG, explorando tanto suas contribuições para o processo quanto suas limitações e implicações para a qualidade do trabalho editorial.

Palavras-chave: Revisão acadêmica; Inteligência artificial; Livros digitais.

ABSTRACT

The advance of digital technologies has had a significant impact on editorial work, especially revising. This article seeks to reflect on the use of automation and generative artificial intelligence (AI) in book revising and editing, considering the experience of the University of the State of Minas Gerais Press (Editora UEMG). To do this, we begin by analyzing the work of proofreaders and editors in different contexts, highlighting the particularities of academic publishing. We then discuss the potential and challenges of applying these technologies in Editora UEMG, exploring both their contributions to the process and their limitations and implications for the quality of editorial work.

Keywords: Academic revision; Artificial intelligence; Digital books.

¹ A pesquisa que deu origem a este artigo está sendo financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

RESUMEN

El avance de las tecnologías digitales ha impactado significativamente el trabajo editorial, especialmente la revisión. Este artículo busca reflexionar sobre el uso de la automatización y de las inteligencias artificiales (IA) generativas en la revisión y edición de libros, considerando la experiencia de la Editorial de la Universidad del Estado de Minas Gerais (Editora UEMG). Para ello, partimos inicialmente de un análisis del trabajo de revisores y editores en diferentes contextos, destacando las particularidades de la edición académica. A continuación, discutimos las potencialidades y desafíos de la aplicación de estas tecnologías en el día a día de la Editorial UEMG, explorando tanto sus contribuciones al proceso como sus limitaciones e implicaciones para la calidad del trabajo editorial.

Palabras clave: Revisión académica; Inteligencia artificial; Libros digitales.

1 INTRODUÇÃO

A velocidade com que as inovações tecnológicas alcançam um grande público e as suas implicações para a sociedade, seja nas relações pessoais ou de trabalho, é, há algumas décadas, tema presente em diferentes áreas de pesquisa. Contudo, discussões que já eram abundantes nos anos 2000 e 2010, quando a internet e as tecnologias digitais inundaram o cotidiano de pessoas de todas as regiões do globo, ganharam novos contornos e intensidade desde que, em 2022, a Open AI, empresa estadunidense de pesquisa sobre inteligência artificial (IA), disponibilizou o ChatGPT, uma ferramenta de IA generativa (Andrade, 2023).

A agitação causada pela disponibilização do ChatGPT ao grande público foi seguida pelo surgimento de outras ferramentas de IA generativa, que se caracterizam pela capacidade de usar uma “rede neural” para identificar padrões a partir de uma ampla base de dados e realizar diversas tarefas complexas, como produção, revisão e tradução de textos, criação de imagens e vídeos e geração de códigos de programação, entre outras (Santaella; Kaufman, 2024).

Rapidamente, preocupações diversas, renovadas ou inéditas, sobre o impacto das tecnologias digitais para as relações de trabalho ascenderam ao debate público. Pesquisadores, artistas, designers, educadores, programadores, psicólogos, entre

outros profissionais de mais áreas do que caberia citar, todos têm suas preocupações, visões e opiniões, mais ou menos alarmistas sobre o assunto (Kaufman, 2023; Santaella; Kaufman, 2024).

Naturalmente, o mercado editorial não está incólume nesse debate. Dada a capacidade das IAs de produzir, traduzir e revisar conteúdos textuais, entre outras funções de uso potencial (como a geração de imagens), é impreterível tratar do assunto sob o enfoque do mercado editorial.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo promover reflexões sobre o uso das tecnologias digitais de automação e das IAs generativas especificamente no trabalho de revisão e edição de livros em editoras acadêmicas e universitárias. Não pretendemos, contudo, fazer afirmações generalizantes sobre o uso dessas ferramentas, mas sim apresentar análises a partir da experiência de uma editora universitária, contribuindo, dessa forma, para a troca de experiências e para o aprofundamento deste importante debate sob o enfoque da edição acadêmica.

Para isso, partimos de uma reflexão sobre o trabalho de revisores e editores sob diferentes contextos de atuação, visando situar as particularidades da edição acadêmica, para então apresentar e debater os usos das tecnologias digitais de automação e de IAs generativas no cotidiano de uma editora universitária – a Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (Editora UEMG) –, analisando as possibilidades e limitações decorrentes.

2 O TRABALHO DE REVISÃO E EDIÇÃO DE TEXTOS EM CONTEXTOS EDITORIAIS DIVERSOS

Nas últimas décadas, grandes avanços tecnológicos moldaram a forma como interagimos uns com os outros e nos organizamos socialmente. Com o processo de globalização, as barreiras entre os Estados se dissiparam e permitiram o compartilhamento de conhecimento de uma maneira nunca vista. Como Castells explica: “Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global,

apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável” (2011, p. 21).

Não só isso, com esse compartilhamento, o ciclo de inovação tecnológica está acelerando de maneira que, atualmente, bastam alguns meses para o desenvolvimento ou aprimoramento de uma nova ferramenta (Suleyman, 2023). Isso pode ser observado com o desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial, definidas como sistemas inteligentes que fazem uso de recursos avançados de computação para reproduzir aspectos da inteligência humana, valendo-se, para isso, de uma combinação de algoritmos, modelos matemáticos e vultosos conjuntos de dados, possibilitando, assim, a realização de tarefas que requerem capacidades cognitivas complexas (Honorato; Ferreira; Dias, 2024; Santaella; Kaufman, 2024).

Assim, temos que, com a tecnologia em um nível tão avançado, há uma mescla entre a vida real e a vida digital, de modo que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (Castells, 2011, p. 25, grifo do autor). Essa combinação não está presente somente na vida pessoal, através das redes sociais, mas também na vida profissional de cada indivíduo, na medida em que o uso de ferramentas de IA para realizar tarefas no ambiente de trabalho está se tornando cada vez mais comum. É, portanto, essencial compreendermos os fundamentos teóricos das IAs para que seja possível analisar os seus potenciais benefícios, bem como os desafios éticos e as perspectivas para o futuro em curto e médio prazos (Honorato; Ferreira; Dias, 2024; Santaella; Kaufman, 2024), visando garantir o seu uso ético em contextos educacionais, de aprendizado e de produção científica.

Especialmente na escrita acadêmica, há a preocupação com o impacto provocado não apenas pelo ChatGPT mas, também, por outras ferramentas tecnológicas. No mundo da edição, isso não é diferente. O uso de tecnologias digitais de automação e de IAs já é uma realidade nos processos editoriais, incluindo as atividades relacionadas à revisão. Todavia, é preciso cuidado para que não seja adotada uma perspectiva

ingênua, amparada na crença de que a automatização proporcionada pelas IAs e outras ferramentas tecnológicas possa vir a substituir o trabalho de cientistas e de outros profissionais.

Historicamente, as profissões que se dedicam ao trabalho de revisão e edição de textos foram se desconfigurando e reconfigurando, conforme a ascensão de novas tecnologias e suas implicações para os processos editoriais (Ribeiro, 2007). Contudo, sua importância para a produção de artefatos culturais se manteve estável.

De modo geral, atualmente, esses profissionais são oriundos de cursos de áreas como letras e comunicação social, ainda que os currículos das formações ofertadas pelos cursos de graduação nessas áreas apresentem diferenças substanciais (Ribeiro, 2007). Assim, o que se observa, muitas vezes, é a carência, nas formações acadêmicas nessas áreas, de propostas curriculares que contemplem competências esperadas em profissionais que deverão lidar com a revisão e edição de textos, em particular de livros. Em artigo publicado em 2007, Ribeiro relata a falta de clareza, por parte de alunos de graduação e de pós-graduação das áreas de comunicação social e de letras, sobre quais seriam as competências dos profissionais inseridos na cadeia produtiva dos livros. Essa visão é corroborada por Coelho e Antunes, ao apontar que muitas pessoas desconhecem que a ideia de “revisão linguística”, entendida como exclusivamente relativa a questões ortográficas e gramaticais, é apenas uma das modalidades da revisão de textos, e que haveria, ao menos, três tipos de revisão de textos:

i) revisão gráfica: trata das questões relacionadas com a apresentação e a composição visual e material do texto; ii) revisão normalizadora: ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; iii) revisão temática: verifica a propriedade e a consistência de formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento [...] (Coelho; Antunes, 2010, p. 206-207).

O fato de não haver uma clareza por parte dos estudantes de áreas que, tipicamente, formam profissionais do mercado editorial, além de uma questão curricular, também passa, naturalmente, por um problema epistemológico, de definição de conceitos como *revisão*, *preparação de textos*, *edição*, *copydesk* etc. Segundo Muniz Jr.:

A terminologia de fases e funções não é consensual: não raro, denomina-se numa editora “revisão” o que em outra se diz ser “preparação” ou “edição”. Por isso, ainda se faz necessário esclarecer – seja nos coletivos de trabalho, seja na literatura acadêmica – as fronteiras entre um e outro. No cotidiano profissional, essa distinção tem dupla finalidade: aperfeiçoar o processo e evitar desgastes físicos e psíquicos (Muniz Jr., 2010, p. 271).

Destaca-se ainda que a distinção entre as fases pré e pós-diagramação se torna cada vez menos demarcada, com a possibilidade de promover intervenções nos textos que, em um primeiro momento, existem somente no meio digital e só podem ser lidos e editados por meio das telas de dispositivos eletrônicos:

Corretores, preparadores e revisores mantêm-se atuantes, muito embora nem sempre tão distinguíveis. Editores de texto reescrevem (e até retextualizam) originais que serão diagramados. Revisores (corretores) verificam aspectos do texto (e de suas articulações com o layout e a imagem, por exemplo [...]) que ainda precisam ser verificados, conforme parâmetros de gênero e circulação dados pelo projeto editorial (Ribeiro, 2009, p. 4).

Esses não são problemas nos quais buscaremos nos aprofundar neste trabalho. Ainda assim, para seguirmos adiante, é necessário sublinhar o que consideramos como a finalidade do trabalho de edição e revisão de textos, isto é, preparar os textos para circular socialmente:

O profissional, com seu “olhar de alteridade”, prevê as leituras possíveis/prováveis e, com base nisso, propõe novas textualizações para que o texto em questão tenha efeitos mais próximos possíveis dos previstos. A depender do gênero discursivo em questão, esses efeitos estão ligados a objetivos de aprendizado, fruição estética, reflexão, mudança de comportamento etc. É evidente que a conquista de uma finalidade ou outra nunca está completamente sob o controle do autor e dos profissionais de edição. O trabalho deles pauta-se por uma aproximação de uma “leitura ideal”.

[...] Esse trabalho é realizado com base em certos *critérios de eficácia*, estabelecidos de acordo com o tipo de texto, os leitores e leituras previstos, as vontades do autor, da empresa publicadora e de outras partes interessadas – eis, portanto, a complexidade da questão. Esses critérios sempre se materializam em sistemas normativos, que podem ser tanto explícitos (manuais de redação e edição, dicionários, gramáticas, guias de uso da língua, treinamentos etc.) quanto implícitos (formação escolar, ordens ou consensos gestados no próprio coletivo de trabalho, concepções éticas em relação à atividade etc.). De qualquer modo, trata-se sempre de discursos que, no decorrer da atividade, são recuperados ou refutados, nem sempre de maneira evidente. Eis a natureza

dialógica do discurso do revisor: ele sempre aponta para o que vem antes e depois de si (Muniz Jr., 2010, p. 275-276, grifos do autor).

A partir dos apontamentos de Muniz Jr. (2010) e de Coelho e Antunes (2010), é evidente que as questões de gênero textual são determinantes para o trabalho de revisão, dado que, conforme o gênero ao qual o texto parece ou pretende pertencer, diferentes graus de intervenção no texto poderão ser “autorizados”:

Disso, decorre que, ao receber um texto para revisão, o revisor precisa ter consciência de quais características do gênero são fundamentais, devendo, portanto, estar presentes, e de quais características são opcionais, flexíveis (Coelho; Antunes, 2010, p. 208).

Assim, mais do que aplicar uma norma ou seguir diretrizes, manuais, protocolos etc., o trabalho de revisão e edição dos textos deve ser analisado a partir das condições em que eles são produzidos e do contexto do posterior trabalho editorial sobre ele, além, é claro, dos objetivos almejados com a sua circulação social (Coelho; Antunes, 2010; Muniz Jr., 2010).

Nesse sentido, o trabalho de edição e revisão de textos demandados dos profissionais encarregados competências que as ferramentas de IA generativas, pelo menos até o momento, não possuem; isto é, um tipo de toque pessoal próprio da experiência humana, capaz de agregar um valor único ao trabalho de revisão e de proporcionar aos textos certas nuances que a IA não é capaz de entregar (Honorato; Ferreira; Dias, 2024; Santaella; Kaufman, 2024). Assim, fatores como a dimensão discursiva, a situação enunciativa, o contexto de produção, circulação e recepção, as escolhas linguísticas, entre outras questões capitais em qualquer tipo de produção textual, não são necessariamente consideradas pelas IAs ao realizarem a revisão automatizada de textos. Logo, os profissionais de edição e revisão de textos continuam e continuarão a exercer uma função de grande importância nos processos de editoração de textos.

Isso, contudo, não apaga o fato de que as novas tecnologias que surgem desconfiguram e reconfiguram o trabalho dos revisores e editores (Ribeiro, 2007).

Ademais, como vimos, o trabalho de editoração não é uma instância estanque, homogênea, que se vale exatamente dos mesmos processos independentemente da casa editorial à frente do trabalho. Por várias razões, que vão desde o tamanho das equipes até a natureza dos textos editados e os objetivos da publicação, o processo de edição e de revisão pode se dar de modo altamente diverso em cada editora.

Como aponta Ribeiro: “A difícil distinção entre essas atuações [preparação e revisão de textos], no entanto, foi sempre motivo de discussão. A linha que separa preparar de revisar textos é imprecisa e, atualmente, teve sua inexatidão aumentada pelas tecnologias digitais” (Ribeiro, 2009, p. 1, grifos da autora). Valemo-nos, ainda, da tese argumentada por Chartier (2002), de que a materialidade do texto ou a sua inscrição na página impressa, isto é, sua performance, tem implicações que são determinantes para a forma como os sentidos sobre o texto serão construídos. Em outras palavras, considerar as condições de produção editorial e de revisão, bem como a materialidade dada às publicações, é de suma importância em uma análise dos processos de editoração devido às suas implicações nos modos como os textos serão recebidos e nos sentidos que poderão ser construídos sobre as publicações.

É preciso, portanto, tomar editores, revisores e outros profissionais que se envolvem na editoração como importantes atores sociais. Mais do que competências gramaticais, é necessário que esses profissionais detenham uma bagagem de conhecimentos em linguagens e seus aspectos multimodais (Ribeiro, 2009), o que nem sempre é levado em consideração nas análises sobre o trabalho de revisores e sobre os processos e tecnologias de edição.

Assim, questionamentos que já eram apontados no início do século XXI se tornam cada vez mais pertinentes na atualidade e precisam ser levados em conta se pretendemos promover análises do papel de novas tecnologias digitais de automação nos processos de edição e revisão na contemporaneidade. Afinal, como argumentado, a revisão não se limita à correção ortográfica e gramatical. A aposta na ideia de que as ferramentas de IA e outras tecnologias poderão substituir editores e revisores cai

por terra quando pensamos nesses profissionais como atores sociais que podem e devem atuar na retextualização, no diálogo com os autores e no incessante trabalho de encontrar soluções linguísticas adequadas ao contexto de produção, circulação e recepção dos textos publicados. Os questionamentos em torno do papel da IA e de outras tecnologias digitais de automação no trabalho de edição e revisão de textos devem então recair sobre as formas como elas podem auxiliar os profissionais da área, questão que pretendemos aprofundar a seguir, a partir da experiência da Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (Editora UEMG).

Portanto, a reflexão sobre as possibilidades e limites do uso de IA e outras ferramentas tecnológicas nos processos de revisão e edição é, atualmente, de grande relevância, sendo, contudo, imprescindível realizar essa análise sob o viés do contexto em que as ferramentas são utilizadas.

Logo, não é o objetivo do presente trabalho fazer afirmações generalizantes sobre as possíveis implicações das IAs no processo de revisão de qualquer editora, mas promover análises a partir da experiência da Editora UEMG. Essa opção se baseia, primeiramente, no fato de que o processo de edição e revisão de livros acadêmicos/ científicos difere da edição e revisão de livros de outros gêneros textuais, prevendo etapas, procedimentos e preocupações particulares da edição acadêmica. Em segundo lugar, mesmo lidando com textos que pertencem a um mesmo campo da edição, cada editora científica, seja ela universitária, comunitária ou privada, pode contar com especificidades que não necessariamente se aplicam a todas as editoras do segmento. Desse modo, descrever os processos realizados na Editora UEMG e compartilhar as suas práticas com o uso de tecnologias digitais de automação no processo de edição e revisão é uma forma de trocar experiências, promover reflexões e aprofundar o importante debate sobre o impacto dessas novas tecnologias nos processos da edição acadêmica.

Antes de seguir, vale aqui sublinhar mais uma vez que, sendo a edição de livros científicos/acadêmicos uma atividade que prevê demandas particulares de publicações

desse gênero textual, podemos dizer que partimos de uma concepção particular do trabalho de revisão.

É importante destacarmos que grande parte das obras submetidas à Editora UEMG advém de dissertações de mestrado, de teses de doutorado ou são coletâneas de artigos científicos, sendo necessário um trabalho de adaptação, uma vez que o objetivo de um livro acadêmico/científico se distingue do objetivo de um artigo acadêmico ou de um trabalho monográfico para obtenção do título de mestre ou doutor (Nogueira; Warley, 2016; Meadows, 1999). Em outras palavras, enquanto as dissertações e teses têm um objetivo mais relacionado à comprovação dos achados e à defesa de uma argumentação que embasa a pesquisa – realizadas perante uma banca avaliadora –, os livros acadêmicos/científicos perseguem outros objetivos. Então, faz-se necessário que no processo de edição seja considerada essa passagem de um texto voltado a um público restrito – de extrema especialização, com esquemas bem delimitados de formalização – a um texto voltado a um público cujo interesse reside mais nos achados da pesquisa do que na sua justificativa – que, pode-se supor, já foi contemplada na defesa e aprovação do trabalho. Desse modo, o trabalho de adaptação de dissertações ou teses em livros deve ser acompanhado de reflexões sobre o público que se deseja alcançar, demandando, além de uma retextualização focada na comunicação e na elucidação da pertinência dos achados (por meio de um vocabulário menos técnico e formal), modificações em títulos e estruturas de capítulos (que por vezes podem ser condensados ou mesmo suprimidos) e, enfim, um esforço em criar uma “narrativa” que conduza o leitor de modo mais direto aos objetivos da leitura.

Logo, quando aqui tratamos do trabalho de revisão na Editora UEMG, para além das tarefas típicas de um revisor – a revisão ortográfica, gramatical e textual e a normalização técnica – estamos relacionando-o a outras atividades da edição, dada a necessidade de aprimorar os conteúdos para que os livros publicados de fato contemplem os objetivos de democratização do conhecimento e de comunicação científica.

3 PROCESSOS DE EDIÇÃO E REVISÃO NA EDITORA UEMG: PROCEDIMENTOS E DESAFIOS

Fundada em 2008, a Editora UEMG publica obras monográficas e coletâneas produzidas por pesquisadores filiados à Universidade do Estado de Minas Gerais ou a outras instituições de ensino e pesquisa. Em 2015, a editora deu início a um processo de modernização e profissionalização: passou a priorizar o formato digital na publicação das obras, disponibilizando-as em acesso aberto por meio do uso das Licenças Creative Commons² (CC) 4.0 Atribuição — Não Comercial — Sem Derivações; e deixou de receber submissões em fluxo contínuo, optando pela seleção de novos títulos por meio de editais de publicação. Com isso, promoveram-se importantes mudanças no sentido aprimorar o processo de editoração de obras, com uma definição mais precisa das etapas de edição, desde a elaboração dos editais até a revisão de provas e o lançamento das publicações.

Os editais da Editora UEMG voltados à seleção de originais são pensados para maximizar a diversidade do catálogo, sem, porém, deixar de priorizar a publicação de obras de excelência, e podem receber tanto obras monográficas como coletâneas, preservando a opção de serem previamente definidas temáticas para as obras ou determinados tipos de publicações.

Na Editora UEMG, o processo de edição se inicia, portanto, com o recebimento dos originais candidatos à publicação e com o enquadramento e verificação de plágio, pela equipe da editora, dos textos inscritos, seguindo as determinações previstas no edital. Em seguida, as obras que se enquadram nos requisitos previstos em edital são avaliadas sem informações de identificação por pareceristas *ad hoc* – estritamente doutores cujo trabalho se alinha à área da obra –, sendo necessária a recomendação de publicação por ao menos dois pareceristas. Os originais que recebem recomendação de publicação são então submetidos à aprovação, também sem informações de

² Concedidas pela Creative Commons, uma organização não governamental que promove a ampliação do compartilhamento do conhecimento e da cultura em suas diversas formas de expressão, as licenças CC constituem diferentes formas de autorização para compartilhamento, comercialização, derivação e atribuição.

identificação, pelo Conselho Editorial, que determina quais títulos deverão ser priorizados, considerando o número de obras previsto pelo edital.

Após a divulgação do resultado final do edital, os autores que tiveram as suas obras selecionadas são convocados para uma reunião em que todas as etapas do processo de edição são apresentadas, dando-se a oportunidade para elucidação de possíveis dúvidas que possam surgir.

Passadas essas etapas iniciais, cada um dos autores ou organizadores dos originais recebe um documento com o resumo dos pareceres dos avaliadores *ad hoc* e do Conselho Editorial. Nesse documento, constam sugestões para aprimoramento das obras no que diz respeito ao seu conteúdo. Esse é o primeiro momento em que os textos recebidos passam por alterações, consideradas imprescindíveis para garantir que os conteúdos dos livros sejam o mais qualificados possível.

Após a devolução do original pelos autores, a etapa seguinte é a de elaboração e envio do *copydesk*, documento produzido pela equipe da editora que visa indicar melhorias no que diz respeito à forma das obras. Neste ponto, adentramos uma das primeiras particularidades do processo de edição e revisão na Editora UEMG.

Dado que a transformação de trabalhos monográficos ou coletâneas de artigos em livros acadêmicos demanda um cuidado especial, muitas vezes é preciso não apenas uma adaptação da linguagem utilizada, mas também uma adequação na forma com que o conteúdo é apresentado aos leitores. Por isso, é comum que nessa etapa do *copydesk* tanto o revisor como a coordenadora editorial da Editora UEMG atuem de forma colaborativa. Entre as sugestões comuns nos originais editados, estão, por exemplo, a alteração de títulos – propondo opções mais atrativas para um público “leigo” –, a redução de seções dedicadas exclusivamente à metodologia do trabalho – dado que os aspectos metodológicos interessam mais às bancas de defesa do que a um público ampliado –, as alterações na organização de capítulos, especialmente quando se trata de coletâneas – visando a uma maior uniformidade e linearidade na estrutura do livro – e a inclusão de prefácios, posfácios e outros elementos paratextuais que

valorizam e ajudam a evidenciar os objetivos e a relevância da publicação para aquela área do conhecimento em particular. A etapa de *copydesk* é, então, seguida pela revisão de referências, considerada fundamental para o gênero acadêmico-científico, pois é um dos fatores que garante que o livro esteja de acordo com padrões de publicações científicas. Nesse momento ocorre a verificação das citações e referências, de modo a garantir a correspondência entre elas e a conformidade com as normas mais recentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Com isso, são produzidos e enviados relatórios que detalham as inconsistências detectadas e indicam alterações que demandam atenção dos autores.

Após a revisão de referências e a realização das correções necessárias, o livro segue para a revisão textual que, para além da “revisão linguística”, preocupa-se com uma retextualização que deixe o texto mais acessível à diversidade de leitores que formam o público-alvo da editora. Passada a revisão textual e a sua validação pelos autores, o original chega à etapa de preparação para diagramação. Com o objetivo de dinamizar o processo de diagramação, tal etapa consiste na aplicação, no material a ser diagramado, de “estilos de parágrafo” e “estilos de caracteres” configurados no Word, considerando hierarquias de títulos, subtítulos, corpo de texto, citações, referências etc. Anterior ou concomitantemente à etapa de preparação para diagramação, o projeto gráfico do livro é elaborado pelos designers da editora a partir de um *briefing* realizado junto com os autores ou organizadores da obra. Com o texto preparado e o projeto gráfico aprovado, passa-se à etapa de diagramação no *software* InDesign. Por fim, é feita a revisão de provas a partir do arquivo diagramado e exportado em formato PDF, com a batida de emendas, a revisão gráfica e os ajustes finais para, então, proceder ao lançamento.

3.1 Tecnologias digitais de automação nos processos de revisão e edição da Editora UEMG

Em todas as etapas em que são demandadas dos autores alterações nos originais, a orientação é de que elas devem ser feitas com a ferramenta de “Controle

de alterações” do Word. Assim, temos uma primeira ferramenta tecnológica que se faz essencial para o trabalho de revisão e edição, pois o seu uso facilita a conferência, pela equipe da editora, das modificações realizadas, garantindo o controle das mudanças e a integridade do texto.

Contudo, caso as modificações tenham sido feitas sem o uso do controle de alterações, é utilizada a ferramenta “Comparar” do Word para que as mudanças sejam verificadas, garantindo que nada tenha sido deixado para trás. Trata-se, portanto, de uma automatização do processo de comparação entre dois arquivos que evidencia as diferenças entre eles.

No que concerne ao trabalho de revisão textual em si, o uso de tecnologias digitais e de IA de fato parece ser um caminho sem retorno. Da primeira categoria, destacam-se ferramentas como os dicionários de sinônimos e antônimos, que se fazem de grande relevância para os revisores quando precisam encontrar correspondentes ou opostos para uma palavra, poupando-os de um maior esforço cognitivo e economizando tempo. Há de se mencionar, também, os dicionários online, como o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), ferramenta gratuita disponibilizada no site da Academia Brasileira de Letras (ABL), por meio da qual é possível rapidamente verificar a classe gramatical e a correta grafia de todos os termos vernáculos, topônimos e gentílicos oficializados pela língua portuguesa, além dos termos considerados estrangeirismos.

Além das ferramentas citadas, há, ainda, os corretores ortográficos e sintáticos automatizados amplamente conhecidos pelos revisores, como o próprio corretor do Word, o LanguageTool e o Flip³, que, contudo, carregam uma série de limitações, entre as quais podemos destacar a indicação de “falsos positivos” – que acusam como incorretos usos aceitos na gramática –, e a não consideração dos contextos de enunciação – que precisariam fazer parte da análise para uma revisão adequada –, implicando a necessidade de que o profissional faça uso dessas ferramentas de modo

³ LanguageTool: <https://languagetool.org/pt-BR>. Flip: <https://www.flip.pt/FLiP-On-line/Corrector-ortografico-e-sintactico>.

crítico e reflexivo, considerando questões que mencionamos anteriormente, como situação enunciativa, gênero textual, meios de circulação, público-alvo etc. Sobre o uso de ferramentas nativas do Word, a função “Localizar e substituir” automatiza o trabalho de detectar termos ou trechos específicos e previamente, se necessário, determinar sua correção. Por exemplo, se o texto em revisão cita o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicando a sigla “Ibge” e a orientação é de que ela seja grafada em letras maiúsculas, a ferramenta permite, com apenas um comando, fazer a correção em todas as ocorrências. Ainda em relação ao Word, a configuração prévia e aplicação automatizada de estilos de parágrafo e de caracteres, mencionada na etapa de preparação para diagramação, também pode ser considerada uma forma de automatização do trabalho de edição. Basicamente, o Word permite que sejam definidas previamente famílias de fontes e estilos usados (negrito, itálico etc.), tamanhos, entrelinhas, espaçamentos anteriores e posteriores aos parágrafos, entre outras características tipográficas. Com os estilos definidos, o responsável pela preparação para diagramação terá o trabalho de apenas selecionar os parágrafos e aplicar os estilos correspondentes à sua hierarquia no texto (título, subtítulo, corpo de texto, citação, referência etc.). Esse trabalho é feito tendo em vista que, a partir dessa aplicação, na etapa de diagramação será possível “copiar” as hierarquias de forma automatizada, respeitando os estilos definidos no projeto gráfico.

Outra tecnologia digital presente no cotidiano da Editora UEMG (e, atualmente, em muitas outras editoras) que integra ferramentas de automação na sua arquitetura é o Acrobat PDF, adotado na etapa de revisão de provas. Usando as funções de destaques e comentários no texto, são feitas as observações necessárias para realizar os ajustes finais dos livros. Assim, podemos destacar a busca de palavras específicas pela ferramenta de localização de texto e os filtros de comentários, que auxiliam a localização de anotações para indicar alterações necessárias no texto por palavras-chave ou pela autoria. Desse modo, quando se faz necessário verificar a indicação de alguma informação específica, elimina-se a necessidade de percorrer todo o documento em busca de um trecho específico do texto ou de um comentário em particular.

3.2 Inteligência artificial nos processos de revisão e edição da Editora UEMG

Pela experiência da Editora UEMG, para o trabalho de revisão de referências, por exemplo, torna-se útil o uso de ferramentas de IA generativa para normalização das referências bibliográficas relacionadas à legislação. Embora menções a leis, decretos, tratados e outros textos legais sejam recorrentes, é comum que os autores não relacionem esses documentos nas referências bibliográficas. Porém, com um simples *prompt*, a IA é capaz de fornecer a referência completa para esse tipo de publicação. Ainda assim – dado que a inteligência artificial é baseada em um processamento de *deep learning*, o qual consiste, basicamente, na identificação de um erro, e então “os ajustes se propagam de volta pela rede para corrigi-lo no futuro” (Suleyman, 2023, p. 72, tradução nossa)⁴ –, falhas acontecem com certa frequência. No caso da obtenção de referências completas de leis na norma preconizada pela ABNT, por exemplo, é comum que o destaque da referência ora apareça no título, ora no local de publicação, ora no nome do autor. A facilidade de usar essa ferramenta, então, está na obtenção rápida da estrutura base da referência; como Campos, Vieira e Guerra (2024, p. 5) afirmam: “No contexto da revisão de textos, a tecnologia proporcionou ferramentas facilitadoras que possibilitam a realização de escrita e alterações no material de forma prática e inteligível”. Portanto, a automação poupa esforços, economiza tempo, mas não pode ser adotada de modo acrítico, sendo necessário que o revisor ou editor se certifique e verifique a adequação dos elementos.

Isto é, por mais que o revisor, nessa etapa, realize um esforço cognitivo⁵ menor, a sua expertise é fundamental na garantia da integridade textual, uma vez que “a capacidade do revisor humano de compreender o contexto, interpretar intenções e aplicar julgamento crítico ainda não pode ser replicada de forma totalmente precisa pela IA” (Campos; Vieira; Guerra, 2024, p. 6).

⁴ “when an error is spotted, adjustments propagate back through the network to help correct it in the future”.

⁵ Cognição, segundo Bayne *et al.* (2019), é um processo que envolve a aquisição, armazenamento e processamento de informação, independentemente de ser explícito ou consciente.

Por fim, as ferramentas de IA generativa vêm se constituindo como complementares aos corretores ortográficos e sintáticos que já eram amplamente utilizados por profissionais de revisão e edição. Isso porque, embora os corretores já conhecidos prestassem um importante apoio na detecção de erros ortográficos e de digitação, por vezes eles não se mostram suficientemente eficazes para apontar inconsistências sintáticas mais complexas. Nesse ponto, ferramentas de IA generativa, como o ChatGPT, mostram-se mais eficientes, apontando de modo mais preciso problemas na sintaxe de textos.

Contudo, para que esse uso se dê em conformidade com os preceitos abordados neste trabalho, não basta que o profissional responsável copie o texto a ser revisto com um *prompt* que diz “revise o texto a seguir”. Caso proceda desta maneira, o resultado será, basicamente, um texto sem “erros gramaticais”, mas que pode continuar com problemas relacionados à adequação da linguagem, à coesão textual, à coerência, à prolixidade etc. A orientação correta da tarefa que a IA deve realizar exige cuidados, a fim de que ela “compreenda” exatamente a demanda. Assim, é preciso, primeiro, que seja superada a concepção de que as ferramentas tecnológicas irão substituir os revisores de texto.

Conforme o anteriormente exposto, para que o trabalho de revisão e edição das obras de fato contemple os objetivos da editoração, é fundamental contar com profissionais conscientes dos fatores que influenciam a qualidade textual, a conformidade com o gênero no qual o material se enquadra e a adequação a questões como coesão, coerência, informatividade e intertextualidade, entre outras já citadas.

Para além da revisão textual em si, na Editora UEMG, em uma etapa anterior, há outras preocupações com as quais os profissionais frequentemente se deparam, por exemplo, as que dizem respeito ao uso de imagens, aos direitos autorais e à acessibilidade. As duas primeiras estão inter-relacionadas, pois é difícil discutir sobre o uso de imagens em livros sem também abranger os direitos autorais.

Em se tratando dos livros acadêmicos e científicos, é comum que, para ilustrar seus textos, autores enviem imagens disponíveis em sites. No entanto, essa prática pode gerar sérios problemas, uma vez que muitas das imagens escolhidas possuem restrições de uso, exigindo licenciamento ou permissão prévia dos detentores dos direitos autorais. Para evitar esses riscos, é necessário que os autores, editores e revisores, quando não puderem obter licenciamento para uso das imagens desejadas, recorram a bancos de imagens de domínio público ou sob licenças Creative Commons adequadas para o fim proposto, com autorização de uso em trabalhos criativos e acadêmicos, permitindo que outras pessoas copiem, distribuam, modifiquem e/ou utilizem esses conteúdos sem infringir os direitos de autoria (Creative Commons, [s. d.]).

Na Editora UEMG, o uso de imagens com licenças públicas, como as licenças Creative Commons, é apenas um dos tipos permitidos. Além dele, é aceito o uso de imagens que estão em domínio público e, naturalmente, de imagens protegidas, desde que tenham as devidas autorizações dos detentores dos direitos das obras (Pinto *et al.*, 2024). Assim, durante o processo de revisão, cada imagem presente no livro é verificada a fim de garantir que seu uso se dê em conformidade com a legislação brasileira vigente, a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, consubstanciada no *Manual UEMG sobre direitos autorais e direitos de imagem em publicações* elaborado pela casa.

Com a ascensão das IAs generativas, por outro lado, passamos a discutir a presença de imagens geradas por esse tipo de ferramenta e esbarramos em um problema legal.

A princípio, a legislação brasileira considera que uma obra precisa ser original e ter um criador/autor para que seja passível de proteção legal. No entanto, quando se trata do uso de IA, não há um criador “evidente” e ainda não há diretrizes claras sobre como proceder nesses casos.

Na experiência recente da Editora UEMG, outro aspecto do uso de IA generativa no processo de edição se mostrou pertinente. Em 2024, ela se tornou a primeira editora universitária a disponibilizar, em uma parceria com o SciELO Livros, dez obras

totalmente acessíveis para pessoas com deficiência visual. Ou seja, os livros da editora disponibilizados em formato ePub⁶ na plataforma do SciELO Livros são compatíveis com leitores de tela, permitindo que pessoas com deficiência visual tenham acesso à informação, livre de barreiras.

Parte do trabalho de torná-los acessíveis consistiu na criação de texto alternativo para descrição de todas as imagens, gráficos e tabelas presentes em cada um dos livros. Esse processo envolveu o uso do Copilot – inteligência artificial criada pela Microsoft – para a produção de uma primeira versão das descrições.

Nessa experiência, constatou-se que a IA apresenta grande dificuldade em descrever fotografias que mostram pessoas e em descrever gráficos e tabelas com muitas informações textuais ou numéricas, que acabam sendo transcritas erroneamente pela ferramenta. Por isso, nesta fase, os erros cometidos pela IA, como descrições incompletas ou com informações que não corresponderam à realidade, foram corrigidos pelos revisores, a fim de deixá-las completas, padronizadas e mais inteligíveis. Por fim, os autores dos livros adaptados para atender aos requisitos de acessibilidade analisaram e aprovaram as descrições antes da atualização dos arquivos em formato ePub.

Ressaltamos que o cuidado com a acessibilidade tem que estar presente durante todo o processo de edição. O uso excessivo de tabelas, gráficos, notas de rodapé e imagens pelos autores, por exemplo, prejudica a leitura por pessoas com deficiência visual, pois os leitores de tela não conseguem realizar o devido reconhecimento de informação, comprometendo o entendimento do conteúdo. Com isso, parte do processo de revisão atual envolve tentar diminuir a quantidade desses elementos para que o texto possa ser lido e compreendido por todos, igualmente, algo que ainda não pode ser facilmente analisado e corrigido pelas ferramentas de IA generativa sem o acompanhamento minucioso e crítico de profissionais da área de edição.

⁶ Abreviação de *eletronic publication*, formato de livro eletrônico desenvolvido para ser adaptável aos diferentes dispositivos de leitura e para oferecer recursos de personalização e acessibilidade, como mudanças nos tamanhos de fontes, entrelinhas, contraste de cores etc.

Dessa forma, além do leitor, a revisão precisa considerar os suportes nos quais os livros são lidos. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura de 2024, realizada pelo Instituto Pró-Livro, 75% das pessoas já leram livros digitais em *smartphones* e 28% em computadores (Instituto Pró-Livro, 2024). Esse dado traz ainda outra questão para a revisão: a presença de links e hipertextos no documento. Considerando que grande parte das pessoas leem livros em dispositivos que têm acesso à internet, a presença de links e hipertextos pode interferir no fluxo de leitura e comprometer a acessibilidade do documento. Assim, a revisão e a opção por manter tabelas, gráficos, notas de rodapé, hiperlinks e outros elementos deve levar em conta decisões editoriais que podem priorizar a profusão de informações em detrimento da acessibilidade e vice-versa, decisões que não cabem a uma ferramenta de IA.

Em suma, na Editora UEMG as ferramentas de IA generativa vêm sendo usadas nas etapas de revisão de referências, revisão textual e elaboração de descrições de textos alternativos para imagens, gráficos e tabelas na adaptação de livros digitais para pessoas com deficiência visual. Contudo, em todas essas etapas, o uso de IA e de tecnologias digitais de automação é feito em uma perspectiva de apoio, complementação e facilitação do trabalho, partindo de um entendimento que toma os revisores e editores como atores sociais críticos e reflexivos e tendo em vista os produtos da editora; ou seja, livros pertencentes ao gênero acadêmico-científico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da concepção do original à sua transformação em livro, o revisor está presente em diversas etapas do processo editorial, sendo um profissional indispensável. Mas o cenário hipotético de tecnologias de automação e ferramentas de IA generativa “tomarem o espaço” de certos profissionais alavancou uma discussão pertinente acerca do papel do revisor no contexto de um mercado cada vez mais digitalizado e automatizado.

Ferramentas como dicionários digitais e corretores ortográficos e sintáticos já existem há alguns anos e ajudam no processo de automação de algumas tarefas do revisor. Porém, o surgimento e consequente desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial, com suas capacidades generativas de escrita, tradução e revisão de textos, reacendeu preocupações. Essa visão um tanto quanto alarmista sobre as novas tecnologias, no entanto, ofusca o real trabalho do revisor e subestima seu valor no processo editorial.

Como exposto neste trabalho, o revisor é um profissional múltiplo, responsável não só pela revisão ortográfica e gramatical, mas também pela composição material e revisão gráfica de um texto, assim como por ajustes às normas variadas e pela consistência alinhada a uma certa temática. Na Editora UEMG, o revisor está presente em diversas etapas, desde a seleção até o lançamento dos livros, e neste texto buscamos enfocar os usos das tecnologias digitais de automação e IA generativa considerando as particularidades da revisão e edição de textos acadêmicos e científicos.

Assim, tendo como objetivo apresentar reflexões sobre o uso dessas novas tecnologias nesse contexto particular, o presente trabalho apresentou como, na Editora UEMG, o uso dessas ferramentas apoia o trabalho de editoração, evidenciando que, embora complementem e facilitem o trabalho realizado, elas ainda não se mostraram capazes de substituir os profissionais de edição e revisão de textos, especialmente considerando a percepção de revisores e editores como atores engajados na adequação para a circulação social dos textos, visando a públicos diversos. Ainda que as ferramentas descritas promovam reconfigurações importantes no trabalho de autores, revisores e editores, elas carecem de uma capacidade de promover o “olhar de alteridade” necessário para considerar aspectos relativos aos gêneros textuais e prever qual seria a “leitura ideal” dos textos, não sendo estabelecidos de modo objetivo quais são os critérios de eficácia dessas ferramentas para operacionalizar o trabalho de revisão e edição; inviabilizando, portanto, um processo dialógico considerado fundamental para um trabalho adequado, na visão de uma editora universitária.

Desse modo, superada a perspectiva reducionista de que os profissionais da área serão paulatinamente substituídos por tecnologias mais avançadas, aproximamo-nos de uma concepção que entende que, naturalmente, os avanços técnicos continuarão a alterar os processos de edição, o que já é percebido pelo uso dessas ferramentas no âmbito da edição acadêmica. Certamente, essas não são conclusões que devem se estender acriticamente a outras editoras e a outros agentes de produção e publicação de textos, cabendo a cada segmento e nicho do mercado construir o seu entendimento sobre as melhores formas de adotar ou não as tecnologias hoje disponíveis.

Logo, assim como em outros períodos de reconfiguração dos processos editoriais, é de interesse dos atores do mercado editorial, sem alarmismo ou subestimação das inovações, entender as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias e suas limitações, para então aproveitá-las da melhor forma possível e otimizar os seus processos, atentando-se sempre às questões práticas e éticas e às suas implicações para os objetivos almejados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. O. O universo expandido da inteligência artificial. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, Ano 24, n. 325, p. 16-25, março de 2023. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2023/03/016-022_capa-chatgpt_325-Parte-1-2.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

BAYNE, T.; BRAINARD, D.; BYRNE, R. W.; CHITTKA, L.; CLAYTON, N.; HEYES, C.; MATHER, J.; ÖLVECKZY, B.; SHADLEN, M.; SUDDENDORF, T.; WEBB, B. What is Cognition? **Current Biology Magazine**, v. 29, n. 13, p. R608-R615. Disponível em: [https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822\(19\)30614-1](https://www.cell.com/current-biology/fulltext/S0960-9822(19)30614-1). Acesso em: 6 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 11 fev. 2025.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

CAMPOS, L. D. C.; VIEIRA, M. C. M.; GUERRA, A. L. R. A atuação do revisor de texto na contemporaneidade digital: uma revisão de literatura. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 51, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/167>. Acesso em: 22 jan. 2025.

CHARTIER, R. **Do palco à página**. Publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

COELHO, S. M.; ANTUNES, L. B. Revisão textual: para além da revisão linguística. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 16, p. 205-224, 2010.

CREATIVE COMMONS. **What We Do**. Disponível em: <https://creativecommons.org/about/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

EDITORIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (EDITORIA UEMG). **Editora UEMG lança o Edital 02/2024, para a seleção de originais que integrarão a Coleção Conceitos essenciais**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2024. Disponível em: <https://editora.uemg.br/noticias/245-editora-uemg-lanca-o-edital-02-2024-para-a-selecao-de-originais-que-integrarao-a-colecao-conceitos-essenciais>. Acesso em: 22 jan. 2025.

HONORATO, L. A. S.; FERREIRA, H. M.; DIAS, J. A formação de professores e o uso do ChatGPT® para revisão de textos. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 22, n. 3, p. 501-514, ago./dez., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.3.9860>. Acesso em: 24 jan. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. [S.l.; s.n.], 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 6 fev. 2025.

KAUFMAN, D. As limitações da sensação tecnológica de 2023: o ChatGPT. *Época Negócios*, [s. l.], 6 jan. 2023. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/iagora/coluna/2023/01/as-limitacoes-da-sensacao-tecnologica-de-2023-o-chatgpt.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MUNIZ JR., J. S. Revisor, um maldito: questões para o trabalho e para a pesquisa. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VILLELA, Ana Maria Nápoles; SOBRINHO, Jerônimo Coura; SILVA, Rogério Barbosa da. **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo; Belo Horizonte: Peirópolis; CEFET-MG, 2010. p. 269-289.

NOGUEIRA, S.; WARLEY, J. **Da tese ao livro**: guia para autores e editores. Tradução: Laetitia Jensen Eble. Brasília, DF: Editora da UnB, 2016.

PINTO, G. N. F. N.; ANDRADE, A.; BUSTAMANTE, F. de O.; ASSIS, C. C. Manual UEMG sobre direitos autorais e direitos de imagem em publicações. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2024. Disponível em: https://editora.uemg.br/pdfs/manual-uemg-direitos-autorais-e_imagem.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

RIBEIRO, A. E. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. **XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, Juiz de Fora, 16 a 18 mai. 2007. Juiz de Fora: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/r0011-1.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.

RIBEIRO, A. E. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição editorial. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, 4 a 7 set. 2009. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-2050-1.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SANTAELLA, L.; KAUFMAN, D. A inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. **MATRIZES**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-53, jan./abr. 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p37-53>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SULEYMAN, M. **The Coming Wave: Technology, Power, and the Twenty-First Century's Greatest Dilemma**. Nova York: Crown, 2023.

Contribuição de autoria

1 – Antônio Ursine Magalhães de Andrade

Bacharel em Gestão Pública (UFMG, 2019) e graduando em Letras, Tecnologias de Edição (CEFET-MG). É idealizador da Livr_: Impressões, projeto de publicações independentes e desde 2024 é revisor-chefe da Editora UEMG.

<https://orcid.org/0009-0008-4128-9775> - antonio.ursine@gmail.com

Contribuição: Investigação, Metodologia, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição

2 – Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Doutora (2025) e mestra (2018) em Design (UEMG), possui especializações em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia (UNA, 2011) e em Gestão Estratégica (FJP, 2012), graduação em Administração Pública pela Escola de Governo (FJP, 2007) e em Design Gráfico pela (UEMG, 2012). Coordena a Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais desde 2018.

<https://orcid.org/0000-0001-8298-2615> - gabriellanair@gmail.com

Contribuição: Investigação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

3 – Sérgio Antônio Silva

Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD-UEMG, com disciplinas, orientações e pesquisas ligadas ao design editorial, ao patrimônio gráfico e à cultura da impressão. Coordenador do grupo de pesquisa grafia: estudos da escrita, vinculado ao CNPq. Graduado em Letras, com mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Pós-doutorado em História da Cultura pela Universidade Nova de Lisboa.

<https://orcid.org/0000-0002-4801-700X> - sergio.silva@uemg.br

Contribuição: Escrita – revisão e edição

4 – Amanda Rabelo Chaves

Formada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) com o grau de Bacharel em 2021, atualmente é estudante de graduação no curso de Letras, Tradução Português-Inglês (bacharelado, UFMG). Estudou também na Sciences Po Bordeaux durante dois semestres, nos anos de 2019 e 2020, como parte de um intercâmbio.

<https://orcid.org/0009-0005-8725-9641> - amanda.rchaves1@gmail.com

Contribuição: Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição

Como citar este artigo

ANDRADE, A. U. M., PINTO, G. N. F. N., SILVA, S. A., CHAVES, A. R. Novas tecnologias na revisão de livros acadêmicos digitais. **Gutenberg - Revista de Produção Editorial**, v.5, e90992, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/2447115190992>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/90992>. Acesso em: xx/xx/xx.